

## **DO PARADIGMA DA CORPOREIDADE À SEMIÓTICA DO CORPO: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NAS VIVÊNCIAS EM BIODANZA.**

Patrícia Simone Dal-Col<sup>1</sup>  
Edna Ferreira Coelho Galvão<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe-se estabelecer um diálogo entre o paradigma da corporeidade e a semiótica do corpo, como se articulam entre si, para assim refletir sobre a produção de subjetividades a partir da prática de vivências em Biodanza. O texto evidencia a fenomenologia de Merleau-Ponty para embasamento dos conceitos de corporeidade e semiótica em interlocução com outros teóricos. Para a apresentação da Biodanza nos reportamos ao arcabouço teórico - metodológica de Rolando Toro, criador da técnica e dialogamos com o filósofo Wilhelm Dilthey para tratar do conceito de vivência.. A Biodanza é um sistema vivencial de integração e desenvolvimento humano que visa promover a (re) aprendizagem afetiva do sujeito-praticante. A dança na Biodanza, é a dança da vida, é movimento pleno de sentido que tem o propósito de deflagrar vivências de vitalidade, afetividade, criatividade, prazer cenestésico e pertencimento. É um sistema vivenciado em grupo por meio de dinâmicas que envolvem músicas específicas e movimentos plenos de significados que visam despertar e fortalecer potenciais genéticos humanos que foram bloqueados ao longo da vida. O afloramento desses potenciais genéticos promove a transformação no estilo de vida e por sua vez na identidade, o que nos leva a produção de subjetividades.

**Palavras-chave:** corporeidade - semiótica do corpo - subjetividade – vivência

### **Introdução**

O que são vivências? O que é Biodanza? É possível a produção de subjetividade a partir da prática de Biodanza? Estas são questões que se fazem presentes quando o foco é a Biodanza. Se acreditarmos que os indivíduos, através das vivências cotidianas, manifestam sua corporeidade, não é difícil aceitar que esta também se manifesta pelas vivências em Biodanza, neste contexto, a subjetividade como espaço íntimo do sujeito, lugar onde se produz percepções, ideias e valores de si e do mundo em articulação com o mundo social, também se produz no contexto da Biodanza. Para compreender como estes conceitos se articulam o presente artigo tem a intenção de refletir sobre a produção de subjetividades a partir da prática de vivências de Biodanza. Para tanto, faremos um breve percurso pela relação do homem com seu corpo para uma maior compreensão sobre o paradigma corporeidade e a

---

<sup>1</sup> Mestranda da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. psdalcol@gmail.com.

<sup>2</sup> Prof. Dr<sup>a</sup>. da Universidade do Estado do Pará - UEPA. efcgalvao@gmail.com

ascensão à semiótica do corpo. Em seguida, buscaremos estabelecer uma dialética destes conceitos em ressonância com a práxis da Biodanza, descrevendo sua teoria, metodologia, princípio e objetivos. Ao mesmo tempo, no bojo deste cabedal teórico, refletiremos o que vem a ser vivência, com base no pensamento de Dilthey e a produção de subjetividades em Biodanza.

### **O paradigma corporeidade e a ascensão à semiótica do corpo**

Ao longo da trajetória histórica do diálogo (ou não diálogo) do homem com seu corpo é perceptível a concepção de mundo e de corpo fragmentado. Sob essa égide, o homem incorpo-ra o discurso da dissociação corpo/alma e delega à razão o status de maior importância, sobrepondo-a ao corpo. Desta forma, provérbios do tipo quando a cabeça não pensa o corpo padece, tua cabeça teu guia ou agir pela razão e não pela emoção, caracterizam uma dissociação entre o sentir, o pensar e o agir. Essa dissociação implica numa “descorporalização” (GONÇALVES,1994) do ser e um estar no mundo de forma não saudável. Desta recusa ao corpo, celebramos mais tarde, o que será visto como um culto ao corpo, símbolo de perfeição e busca insaciável pela forma perfeita e pelo belo.

Diante desta visão dualista, apontar um novo paradigma para nortear o entendimento do homem sobre sua existência corpórea torna-se extremamente necessário. Assimilar um novo paradigma dentro deste mosaico humano é o desafio imposto ao pensamento moderno. Esse desafio se posta na contramão histórica da visão fragmentada de corpo/mundo, negando assim a dualidade, a mecanização e o extremismo da razão ou do corpo. Por conseguinte, insemina lentamente a concepção integral, complexa, auto-organizativa e holística de corpo. Abarcando neste novo contexto as díades, eu/mundo, matéria/energia, corpo/alma, eu/outro como coexistentes, interdependentes, complementares, unas. Logo, dessa necessidade de inteireza, desponta um novo conceito, um novo jeito do homem se perceber, nasce o paradigma da corporeidade.

O paradigma da corporeidade se constitui circundado pelo velho pensamento. Tal como a raiz de uma árvore que vem rasgando a terra árida, esse novo paradigma aflora no centro do pensamento holístico. Portanto, era preciso despedir-se do velho modelo para penetrar em si mesmo e assim renascer no novo conceito de eu-mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). Reencontrar o ser humano dos mitos do poeta Hesíodo, um ser constituído inteiramente de natureza, ao qual se acrescentou o espírito divino e, portanto, filho da terra,

irmão de todos os seres que aqui coabitam (SCHWAB, 1996). Era preciso também, buscar na gênese humana a unidade perdida, completamente integrada e ao mesmo tempo integrante da natureza. Deste modo, ir ao encontro da essência divina que esteve predominante durante milênios na história das mais diversas civilizações.

A corporeidade ocorre no terreno da vivência, no espaço da mediação entre o somático e o psíquico. O que se convencionou a chamar de corpo, não passa de um conjunto de órgãos desprovido de alma, uma engrenagem perfeita, autônoma e eficiente. A noção de corporeidade inaugura e resgata a dimensão total e afetiva do ser. Para abarcar seu significado é preciso vestir-se de simbologia, de transcendência, de imanência, vesti-se de vivência. Najmanovich, (2001) afirma que assumir essa posição é pensar em uma multidimensionalidade da experiência corporal, é conceber uma nova visão de corpo: “corpo vivencial” ou “corpo experiencial”.

O corpo vivencial não alude a substância alguma, não tem um referente fixo fora de nossa experiência como sujeitos encarnados, [...] é antes de tudo um território autônomo, e, por sua vez, ligado não extrinsecamente ao entorno, com o qual vive em permanente intercâmbio (NAJMANOVICH, 2001 p.24).

Historicamente, o corpo tem sido visto e tratado preferencialmente do ponto de vista de sua anatomia e fisiologia. Merleau-Ponty (1999) concede “ao lado sensível” a importância central na vida humana, dispondo-o a uma dimensão ontológica. Desta forma, indica outra direção para a compreensão de corporeidade, imprimindo uma visão de corpo integrada ao movimento, compreendendo uma totalidade humana. Nesta concepção o poder da consciência é minimizado e adota a forma da relação corpo-mundo permeada pelo sensível.

O corpo para Merleau-Ponty (1999) é a expressão do Ser no mundo, é através do corpo que se conhece o mundo e se é conhecido por ele. “[...] tenho consciência de meu corpo através do mundo [...] e tenho consciência do mundo por meio de meu corpo [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.122). Portanto, a noção de uma consciência pura que constitui e determina a realidade é substituída por uma constituição do real, a partir de uma leitura corpo-mundo, numa relação homem-mundo, estabelecida no contato direto com as coisas do mundo pelo toque, pelo olhar, pelo gosto, enfim, por meio dos sentidos. Nessa simbiose revelam-se: homem e mundo.

Merleau-Ponty, (1999) a partir dessa experiência perceptiva de homem como ser-no-mundo, revela a profunda união corpo-espírito. Defende que através dos sentidos corporais, o homem se abre para a realidade do mundo e ao mesmo tempo em que transforma essa

realidade, ele é transformado por ela. Essa alquimia existencial converte-se em matéria subjetiva do EU que percebe. As sensações não são impressões puras, os estímulos sensíveis não invadem indiscriminadamente o EU. Essas sensações vivenciadas pelo corpo também estão repletas de subjetividade do mundo exterior. GONÇALVES, (1994) descreve esse homem como ser-no-mundo, absorvido pelas impressões do mundo se mostra como parte dele:

Ser no mundo com o corpo significa estar aberto ao mundo e, ao mesmo tempo, vivenciar o corpo na intimidade do Eu: sua beleza, sua plasticidade, seu movimento, prazer, dor, harmonia, cansaço, recolhimento e contemplação. Ser-no-mundo com o corpo significa a presença viva do prazer e da dor, do amor e do ódio, da alegria e da depressão, do isolamento e do comprometimento (GONÇALVES, 1994, p.103)

Merleau-Ponty, (1999) descreve que a experiência perceptiva, na concepção ser-no-mundo, revela a existência humana, pois na junção eu-mundo surgem o ser das coisas e o ser do homem. Não há uma consciência pura constituinte do mundo, ou que seja preexistente à percepção. O que existe é uma unicidade anterior a consciência, um corpo reflexionante que sente-percebe-interage com o mundo. Esse corpo, Merleau-Ponty (1999) chamou de corpo próprio. O corpo próprio não está separado da consciência, de outro modo, converge numa totalidade que simultaneamente é sujeito/objeto, vivente/vivido, tocante/tocado.

Para Merleau-Ponty, (1999) a superação da dicotomia clássica (sujeito x objeto) só é possível a partir de uma re-significação da condição existencial. Isto é, quando o homem passa a reconhecer-se como corpo, porém em unidades distintas do objeto científico, mas compreendendo que estas unidades que compõem a estrutura humana existem em constante interação.

A metafísica da corporeidade pode ser encontrada em vários substratos teóricos, mas é talvez na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) que o paradigma corporeidade ascende à semiótica do corpo. Não obstante, a semiótica do corpo tem como axioma de sua fundamentação teórica a mesma argumentação da práxis filosófico-histórica: uma concepção de corpo dissociado. Nesse sentido, Merleau-Ponty (1999), caminha na direção oposta a dissociação corpo/alma e confere uma visão integral a essas dimensões, entendendo-as como uma unidade significativa, corporeidade. Essa escuta sensível pode nos levar ao conhecimento dessa extensão do corpo que é a corporeidade (FUENMAYOR, 2005 p.7).

Para Fuenmayor (2005), a corporeidade seria a compreensão do corpo numa semiótica anterior à entrada do homem ao mundo simbólico. Portanto, a corporeidade compreende o

corpo como uma representação anterior a qualquer forma de expressão, seja ela verbal, gestual, grafismos ou imagéticas. Para alguém orientado pelo olhar semiótico, o corpo começa como que um texto, um documento a ler. (BÁRTOLO, 2007, p.36). Poderíamos dizer que a semiótica do corpo seria o corpo na forma de discurso. Desse modo, o que está impresso na memória somática é revelado textualmente, consciente ou inconscientemente, na expressão do corpo. De acordo com Contreras:

La semiótica del cuerpo se ocupa de la estesia en cuanto dimension sensible de la experiencia, de las articulaciones del sensible (sinestesia, polisensorialidad), de la dimension somática de la memoria y por ende tambien de la estetica. Se trata, en el fondo, de un campo de estudios que intenta dar cuenta del cuerpo como sede y resorte de la experiencia sensible y la articulacion semiótica (CONTRERAS, 2012, p.2).

Sendo o corpo campo de produção de sentido, não é possível, antecipadamente, projetar sobre ele um esquema de reconhecimento ou classificação, a semiótica nos mostra que é no próprio corpo, naquilo que tem de irredutivelmente único, que é possível visualizar os modos de agenciamento e as singularidades que o fazem significar (BARTOLO, 2007).

### **O Sistema Biodanza: conexão com a vida**

Em conformidade com os argumentos teóricos expostos até o momento a respeito de corporeidade e semiótica do corpo, reconhecemos a Biodanza como uma práxis indutora da concepção de corpo à luz da semiótica do corpo. Este entendimento nos parece congruente ao considerarmos esse Sistema tomando por base sua definição: “A Biodanza é um sistema de integração humana, renovação orgânica, reeducação afetiva e reaprendizado das funções originárias da vida” (TORO, 2002, p.33). Trata-se de um sistema vivencial que tem por objetivo a integração afetiva, na qual se pretende restabelecer a unidade perdida entre homem e natureza; A renovação orgânica por meio da auto-regulação orgânica para um equilíbrio homeostático, ou seja, a homeostase. Por fim, a reaprendizagem das funções originárias da vida, na qual recuperamos estímulos específicos que tem por finalidade a preservação da vida, isto é, princípio biocêntrico.

O Sistema Biodanza foi criado pelo antropólogo e psicólogo chileno Rolando Toro, meio às suas reflexões sobre as ações do homem no mundo e do abismo gerado pelas contradições humanas. Devido a um comportamento do homem cada vez mais violento e dissociado de si, do outro e do universo, Toro (2002) sonhou com a possibilidade do encontro

de homens e mulheres com sua humanidade, com o seu diferente, com o Todo, numa fusão de complexos. A Biodanza possui uma metodologia dinâmica que utiliza a música e o movimento pleno de sentido, com o objetivo de induzir situações num contexto de integração grupal que otimizam potenciais de vitalidade, afetividade, fraternidade, ternura, sexualidade, desejo, prazer, criação, liberdade, espontaneidade e harmonia (TORO, ([1980 – 1990])).

A Biodanza tem como princípio norteador a vida. Trata-se de conceber o universo organizado em função da vida, o universo existe, porque existe a vida. Vivemos a emergência de uma nova concepção de homem e universo (TORO, 1995). Para Boff, (2010) é preciso “tirar o ser humano do seu falso pedestal e de sua solidão onde se autocolocou: fora e acima da natureza. E seu antropocentrismo ancestral e seu individualismo visceral. (BOFF, 2010, p.25).

O objetivo principal da Biodanza é a preservação da vida. Denominado como Princípio Biocêntrico, este, é um alerta para necessidade de se restabelecer a sacralidade da vida, de conceber o universo organizado em função da vida e concebê-lo como um gigantesco holograma vivo. É preciso reconhecer outros EUS no universo, que estão inter-relacionados e vinculados a uma teia cósmica, algo mais complexo, sistêmico e auto-regulável. A concepção de universo auto-regulável, autônomo e capaz de autoevolução compreendida por Toro (1995), está fundamentada na teoria do universo autorregulável de Maturana e Varela (1995). Nesta concepção o ser humano é visto como capaz de conduzir seu próprio processo evolutivo (autopoiesis), portanto, capaz de renovações em diferentes aspectos, inclusive orgânico, ou seja, renovação orgânica (MATURANA: VARELA, 1995).

O modelo teórico de Biodanza desenha todo o processo da vida, que abrange desde a filogênese, até o ápice do desenvolvimento humano, a integração humana. A filogênese pode-se traduzir, numa forma poética, como a concepção da vida. Na base do eixo vertical, que representa a ontogênese, encontram-se os potenciais genéticos, traduzidos nas linhas de vivências que se desenvolvem numa trama espiral em torno do eixo ascendente (TORO, ([1980 – 1990])).

As linhas de vivências correspondem aos potenciais genéticos de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência. Esses potenciais são influenciados pelas protovivências, ou seja, vivências obtidas nos primeiros seis meses de vida. Influenciados também por ecofatores positivos e/ou negativos. Os ecofatores são experiências que o indivíduo tem ao longo de sua história que estimulam ou inibem o desenvolvimento de suas potencialidades genéticas e forjam sua identidade (TORO, 1997).

Para Toro (2002, p.77) “A identidade é o centro a partir do qual eu sinto o mundo e me diferencio dele. É ao mesmo tempo consciência e vivência de ser”. Em sua ótica, a identidade é mutável, não estática, está em constante metamorfose, mas não altera a essência do indivíduo. A identidade é antes de tudo corpórea e, é apresentada pelo corpo ao mundo, através do movimento. Só se identifica alguém a partir de sua descrição corpórea. O homem só é um ser no mundo a partir de sua identidade, e o indivíduo é o que é, na sua subjetividade, através do movimento. A relação identidade-movimento remete a relação identidade-dança, pois segundo Garaudy, (1980, p.13) “a dança é um modo de existir”.

A Biodanza promove o reencontro do indivíduo com sua corporeidade por meio de um processo de profunda conexão com a vida, que permite integrar-se a si mesmo, à espécie e ao universo. Essa conexão com a vida é despertada por meio de uma dinâmica que envolve música e movimento que geram vivências. O conceito de vivência está relacionado com a experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo no momento presente e envolvem cenestesia, funções viscerais e emocionais, suscitando no indivíduo a vivência da corporeidade (TORO, ([1980 – 1990])).

### **Vivência conceito fundante da subjetividade e da corporeidade**

Há de se compreender os conceitos de vivência, corporeidade e subjetividade como uma teia epistemológica onde os argumentos teóricos se fusionam dando os fundamentos necessários à proposta de estudo. Assim, começamos por significar o termo vivência e, nesse sentido, será dado destaque para Wilhelm Dilthey. Para Dilthey, (2004) vivência é uma representação diminuta da situação vivida num tempo e espaço, entretanto, é mais evidente e real e em proporções muito maiores que a própria realidade. Para ele, fatos da consciência não se reduzem a meras imagens sem nexos com as relações e mundo exterior e sim são representações holográficas do vivido. Não há separação entre vivência e realidade; para ele, vivência é realidade e realidade é vivência (AMARAL, 2004, p. 3).

Dilthey, (2004) apresenta o conceito de vivência em contraposição a percepção de mundo fracionada exposta na filosofia tradicional. Nessa contextura denominou-a de “experiência mutilada da realidade” nos oferecendo, a vivência como símbolo verdadeiro da “experiência plena e não mutilada” da realidade igualmente “plena e total”. (AMARAL, 2004, p. 52). Além disso, Dilthey (2004) aponta a vivência como uma experiência pré-reflexiva, espontânea e com temporalidade própria. Para ele os pressupostos fundamentais do conhecimento estão dados na vida e o pensamento não pode conceber por trás deles (AMARAL, 2004, p.53). Nesse sentido, o pensamento de Dilthey (2004) dialoga com o texto



no que se refere às vivências de Biodanza e a produção de subjetividades, pois atribuiu à vivência uma natureza imanente, ao captar e interpretar a realidade por meio dos sentidos. Nesse caso, é bom lembrar a citação de Fuenmayor (2005), escrita anteriormente que a corporeidade seria a compreensão do corpo numa semiótica anterior à entrada do homem ao mundo simbólico. Neste ponto do texto, podemos assegurar que corporeidade, semiótica do corpo e vivência, são conceitos que se constituem a partir de, ou como uma ação pré-reflexiva.

A vivência é uma experiência na qual o corpo inteiro participa e apreende a realidade. Desta forma, o corpo é tão atuante no processo de aprendizagem quanto a cognição. Para tal, a noção de vivência precede qualquer apreensão da realidade e isso desloca os processos cognitivos para o corpo, apontando para outros modos de consciência que não apenas a vígil e intencional. Nessa perspectiva o pensamento encarna no corpo e o corpo todo pensa. Sendo o corpo instrumento no processo de aprendizado e local onde a percepção do mundo é impressa, podemos dizer que é na expressão da corporeidade que se reflete a subjetividade constituída por meio da vivência (PIRES, 2014, p. 68).

Defendemos que vivência, corporeidade/semiótica do corpo e subjetividade estão intimamente entrelaçadas. Nesse alinhamento, torna-se evidente a interação entre os conceitos e, nos impulsiona a afirmar que vivência e corporeidade/semiótica do corpo se fusionam, assim como dizer que não existe subjetividade que não seja resultante de uma vivência da corporeidade e que toda vivência corporal promove subjetividade. Como expressa Araújo: “a subjetividade [...] será então o espaço/moradia onde se organizam as nossas experiências existenciais, será o território no qual nos situamos, para podermos estabelecer relações com os outros, e para atribuir significado às experiências vividas” (ARAÚJO, 2002, p. 82).

Merleau-Ponty (1999) no desenvolvimento da noção de corpo-próprio faz uma análise do hábito como extensão da existência é, portanto, ao mesmo tempo motor e perceptivo, sendo uma forma de aquisição de um mundo e a significação desse mundo se faz pelo corpo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 211). Isso nos faz refletir que o corpo é a própria vivência da corporeidade e que esse corpo “vai sendo” na medida que incorpora esses hábitos, tornando-se subjetividades. Deste modo, consideramos que a subjetividade revelada na corporeidade do praticante de Biodanza é constituída a partir das vivências.

Fuenmayor (2010) destaca que a corporeidade é a autoconstrução do corpo e a semiótica é um processo de organização inconsciente de comunicação entre o indivíduo e a sua cultura. Para ele, corporeidade e semiótica se constituem fundamentalmente de processos



autopoieticos, numa dinâmica de autocriação e auto-organização espontânea. Logo, não vemos esses conceitos de modo separados, mas sim implícitos e implicados na formação do sujeito. O que nos faz apreender que ao acreditarmos que não somos apenas corpo - ainda numa visão dualista – contudo, corporeidade atravessada pelo mundo, podemos dizer que somos uma “semiose corpórea” (FUENMAYOR, 2010, p. 10).

### **Considerações Finais**

Ao aproximarmos a tessitura hermenêutica dos conceitos de corporeidade e semiótica do corpo, podemos constatar o quanto esses textos se completam e se fundem na ontologia do ser. Nesse sentido a corporeidade apresenta-se como a manifestação do sujeito no mundo produzida continuamente pela autoconstrução do corpo nas vivências e experiências cotidianas, a semiótica se processa na comunicação deste ser com o mundo, com a cultura, num processo constante de construção-reconstrução (atopoiese). Somos uma corporeidade semiótica, produzidos a partir das ideias e autovalores de si e do mundo, fazendo surgir deste contexto à subjetividade, como a representação do que torna o indivíduo um sujeito único.

Concordamos com Merleau-Ponty (1999) que a subjetividade se constrói e reconstrói a partir do movimento de ser-no-mundo, logo, isso ocorre tanto nas vivências do cotidiano quanto nas vivências de Biodanza. Na Biodanza a subjetividade se expressa através do corpo, nas vivências rítmicas estimuladas durante as aulas, a base de sua metodologia é a vivência de movimentos primordiais da dança, transformados em atividades conscientes dos sentimentos e sensações, o que as torna significativas na construção da subjetividade humana. Posto isto, a Biodanza, enquanto um sistema vivencial é uma oportunidade de experiência criativa, capaz de produzir novas formas de subjetivação, essas experiências mobilizam aspectos subjetivos dos participantes potencializando possibilidades transformadoras do existir humano, portanto promove subjetividades.

### **REFERÊNCIAS:**

- AMARAL, Maria N. de C. P. Dilthey. **Conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito**, 2004. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/trans/v27n2/v27n2a04.pdf>. Acesso em: 31 de março 2015.
- BÁRTOLO, José. **Corpo e Sentido. Estudos Intersemióticos**. Covilhã, Portugal:

Livros Labcom, 2007. Disponível em: [http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/20110824-bartolo\\_jose\\_corpo\\_e\\_sentido.pdf](http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/20110824-bartolo_jose_corpo_e_sentido.pdf). Acesso em: 22 de abril de 2018.

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia: O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Ed.22. Petrópolis: Vozes, 2010.

CONTRERAS, M. J. **Introducción a la semiótica del cuerpo: Presencia, enunciación encarnada y memória**. Pontificia Universidad Catolica de Chile, 2012. Disponível em: <<http://catedradeartes.uc.cl/pdf/catedra%2012/maria%20jose%20contreras.pdf>>. Acesso: 15 de jan de 2017.

FUENMAYOR, Victor. **VI Congreso Latino-Americana de Semiótica IV Congreso Venezolano de brocas Semiótica, Imaginarios y Representaciones**. Maracaibo de 25 a 28 outubro de 2005: Conferência entre corpo e semiose: THE CORPOREIDAD Between Corpo e Semiótica: corporeidade. Opção , Maracaibo, v. 21, n. 48, p. 121-156, Dez. De 2005. Disponível em <[http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1012-15872005000300006&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1012-15872005000300006&lng=es&nrm=iso)>. acessado em 25 de janeiro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Corporeidad, semiosis y memória**. Conferencia dictada en el VI Congreso Venezolano-Internacional de Semiótica, “Nuevas formas de la comunicación, escrituras, cuerpos e imágenes”. Trujillo, 14, 15, y 16 de Julio, 2010. Disponível em: <http://victorfuenmayorruiz.com/files/corporeidadsemiosisymemoria.pdf>

GARAUDY, Roger. **A dança da vida**. São Paulo: 1980.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: Corporeidade e educação**. São Paulo: Papirus, 1994.

MATURANA, R. Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento: As bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: Editorial Psy II, 1995..

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado: Questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PIRES, Nathália Massi. **Sensibilizar a pele, singularizar a existência: o toque e as políticas e as políticas de contato nas praticas de biodança**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de janeiro para obtenção do título de mestre. Rio de janeiro, 2014.

REIS, Alice Casanova dos. **A Dança do Eu: Sentidos da Experiência da Biodança nos Movimentos da Subjetividade**. Universidade Federal de São João del-Rei, 2012. Disponível

em: [https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/Volume7\\_n1/Reis.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/Volume7_n1/Reis.pdf).

Acesso em: 23 de abril de 2018.

SCHWAB, Gustav. **As mais belas histórias da antiguidade clássica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

TORO, R. **Biodanza**. São Paulo: Editora Olavo Brás, 2002.

\_\_\_\_\_. **Apostilas do Curso de formação Docente de Biodanza**. International Biocntrical Foundation ([1980 – 1990]).

\_\_\_\_\_. **Definición de Biodanza y Principio Biocentrico: Textos Originais del Prof. Rolando Toro**, 1995.

\_\_\_\_\_. **Biodanza Lineas de Vivencia**: Textos Originais del Prof. Rolando Toro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Aspectos Biológicos, Fisiológicos e psicológicos**. Apostilas de formação docente, Sistema rolando Toro ([1980 – 1990]).

\_\_\_\_\_. **Movimento Humano**. Curso de formação docente, Sistema Rolando Toro ([1980 – 1990]).

\_\_\_\_\_. **O Inconsciente Vital e Princípio Biocêntric**. Curso de formação docente, Sistema Rolando Toro ([1980 – 1990]).

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco 19998.